PARALAXE V. 11, N. 10 (2025)

# VIGILÂNCIA E CONTROLE NAS FOTOGRAFIAS DA PANDEMIA DA COVID-19

## *Surveillance and Control in Photographs of the COVID-19 Pandemic*

**Ruth Reis**
*Universidade Federal do Espírito Santo*

**Vitor Jubini Venturin**
*Universidade Federal do Espírito Santo*

**RESUMO:** O combate à pandemia de covid-19 exigiu a adoção de medidas restritivas que há séculos são implementadas para contenção de outras doenças contagiosas de alto impacto e risco para a população. Contudo, a sociedade hiperconectada contemporânea proporcionou formas de vigilância e controle e monitoramento dos corpos mais individualizados. As consequências de tais medidas podem ser refletidas pela perspectiva da fotojornalismo, que com sua capacidade expressiva, é capaz de mostrar a adaptação da sociedade diante de um fenômeno sem precedentes na história da humanidade.
**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia; pandemia, coronavírus; vigilância; controle

**ABSTRACT:** The fight against the covid-19 pandemic required the adoption of restrictive measures that have been implemented for centuries to contain other contagious diseases of high impact and risk for the population. However, contemporary hyperconnected society has provided forms of surveillance and control and monitoring of the most individualized bodies. The consequences of such measures can be reflected by the perspective of photojournalism, which with its expressive capacity, is able to show the adaptation of society in the face of an unprecedented phenomenon in the history of humanity.
**KEYWORDS:** photography; pandemic, coronavirus; surveillance; control

## INTRODUÇÃO

As primeiras intervenções adotadas pelas autoridades sanitárias para contenção da pandemia de covid-19, desencadeada a partir de dezembro de 2019, foram estabelecidas com a intenção de limitar o convívio social, evitando assim a propagação do vírus (SARS-CoV-2) que se dá por meio de gotículas respiratórias contaminadas. De acordo com Aquino et al. (2020), "durante uma quarentena, “todos os indivíduos devem ser monitorados quanto à ocorrência de quaisquer sintomas. Se tais sintomas aparecerem, as pessoas devem ser imediatamente isoladas e tratadas" (AQUINO et al., 2020, p.2425). As medidas de distanciamento social são efetivadas com o fechamento do comércio não essencial, interrupção de aulas, cancelamento de eventos culturais e, mais drasticamente,

com a adoção do chamado *lockdown*, um bloqueio rigoroso que proíbe os indivíduos de uma localidade de saírem de suas casas.

As medidas restritivas são consideradas práticas eficientes no enfrentamento de pandemias em que não há ainda outros recursos de prevenção e tratamento da doença geradora do estado pandêmico, no entanto, elas suscitam questionamentos sobre a gestão política da crise sanitária. Dito isso, é importante abordar o conceito de biopolítica, desenvolvido por Michel Foucault nos anos de 1970, que diz respeito às ações governamentais que incidem sobre as condutas humanas em relação aos aspectos da vida como saúde, educação e cultura. Essas resoluções são colocadas em prática através do que o autor denomina governamentalidade, definida por Foucault (FOUCAULT, 2008, p.258).

> conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por "governamentalidade" entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de "governo' sobre todos os outros- soberania, disciplina- e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [ e por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes (FOUCAULT, 2008, p. 143- 144)

Contudo, atitudes drásticas na coordenação de políticas públicas de saúde que interferem nos comportamentos tendem a não ser bem recebidas em parte da sociedade. É importante ressaltar que, em meio a uma crise sanitária, suprimir o direito individual é uma questão estratégica para garantir o interesse coletivo, na medida em que tais deliberações impedem o avanço da contaminação e sucessivamente reduzem o número de internações hospitalares e óbitos.

O presente trabalho buscou fotografias jornalísticas publicadas na imprensa brasileira que pudessem de alguma forma representar aspectos relacionados a medidas restritivas adotadas como forma de biopolítica para contenção da pandemia da covid-19.

## 1 – VIGILÂNCIA E CONTROLE

Os métodos disciplinares de controle e vigilância de epidemias não são atitudes contemporâneas, tendo em vista que em outros momentos da história as instituições detentoras do poder governamental já aplicavam medidas restritivas de locomoção e isolamento. A prática de separação dos corpos contaminados vem desde a Idade Média, quando a epidemia de hanseníase (até bem pouco tempo designada lepra) assolou, no século XIV, e fez com que os governantes colocassem os doentes fora das cidades. Todos esses pontos estão relacionados às formas de condução da vida humana. Michel Foucault dedicou partes de seus estudos à compreensão da forma pela qual os indivíduos em nossa sociedade vêm sendo progressivamente vigiados. Esta relação entre medidas tomadas pelo aparato estatal impondo diretrizes e procedimentos médicos é o que Foucault denomina biopolítica. Para o filósofo francês, "biopolítica: eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças…" (FOUCAULT, 2008, p. 431). A determinação da conduta do outro em função de um determinado objetivo, como frear o avanço da covid-19, requer o uso de certas táticas, como interrupção das atividades econômicas, por exemplo.

A questão da vigilância levantada por Foucault expõe os mecanismos utilizados para controle e, em meio à pandemia, ganham contornos de justificativa de proteção à vida. E, além da identificação de características evidentes de uma sociedade disciplinar (Foucault) no contexto pandêmico, manifestam-se também aspectos de uma sociedade que expandiu os dispositivos disciplinares, descolando-se de aparatos físicos e caminhando para uma estrutura virtual. A chamada sociedade de controle (Deleuze) promove a extinção do enclausuramento e ancora seu funcionamento na emergência de dispositivos tecnológicos de vigilância.

> As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo (DELEUZE, 1992, p.223).

No desenrolar da história, os dispositivos de monitoramento foram sendo aperfeiçoados e a cada nova epidemia, um conceito de controle era incorporado. Segundo Santos (2020), na pandemia da covid-19, a sociedade não renunciou a técnicas medievais de controle, mas introduziu competências atuais na fiscalização dos indivíduos. “As pessoas, os espaços e a circulação são monitorados, através dos registros de dados obtidos por meio de aplicativos e das redes digitais, pelo poder médico e político, dentro ou fora das residências” (SANTOS, 2020, p. 9). As características da sociedade hiperconectada têm favorecido o monitoramento dos indivíduos na medida em que a digitalização da vida fornece rastros e dados para uma vigilância mais estratégica e eficiente por parte das autoridades.

Para Paul Preciado (2020), a forma de controle disciplinar contemporâneo passa por transformações ao se adequar a uma sociedade intensificadamente cibernética. No caso da pandemia do coronavírus, a gestão política faz proveito de artifícios ocasionados pelo desenvolvimento tecnológico, como a comunicação via satélite, a telefonia móvel, inteligência artificial e os algoritmos, para estabelecer formas de monitoramento com o intuito de proteger os corpos do vírus. "A Covid-19 legitimou e estendeu essas práticas estatais de biovigilância e controle digital normalizando-as e fazendo-as 'necessárias' para manter uma certa ideia de imunidade[54]" (PRECIADO, 2020). Para o autor, a comoção causada pela pandemia tem projetado modelos de vigilância que, mesmo após o fim da crise sanitária, podem continuar sendo adotados com normalidade pelas autoridades. Outro autor que corrobora esses pensamentos é Agamben (2020), que, em sua visão, a falta de liberdade por meio da instalação de um estado de exceção é imposta por governos que aproveitam a sensação de pânico construída na sociedade com apoio do poder midiático.

> O que preocupa não é tanto, ou não somente, o presente, mas o depois. Assim como as guerras deixaram de herança à paz uma série de tecnologias nefastas, dos arames farpados às centrais nucleares, também é muito provável que se tente dar continuidade, mesmo após a emergência sanitária, aos experimentos que antes os governos não conseguiam realizar: que universidades e escolas sejam fechadas e que se deem somente aulas on-line, que cessem finalmente os encontros e as conversas por razões políticas ou culturais e que haja apenas troca de mensagens digitais, que onde quer que seja possível as máquinas

[54] http://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/

> substituam todo contato – todo contágio – entre os seres humanos (AGAMBEN, 2020, p.16).

Byung-Chul Han (2020) também compartilha da mesma preocupação ao relatar que diversos regimes asiáticos já consolidaram o controle estatal por meio de tecnologia. A interferência do Estado na vida pessoal dos indivíduos é ação recorrente na China, por exemplo, onde o conceito de esfera privada é esvaziado frente a uma vigilância digital que controla o acesso às redes sociais e instala milhões de câmeras de reconhecimento facial por seu território. "Poderíamos dizer que na Ásia as epidemias não são combatidas somente pelos virologistas e epidemiologistas, e sim principalmente pelos especialistas em informática e macrodados. Uma mudança de paradigma da qual a Europa ainda não se inteirou[55]" (HAN, 2020). O filósofo coreano destaca que algumas destas medidas têm sido mais eficientes no controle da pandemia do que fechamentos de fronteiras, por exemplo, atitudes tomadas por muitas nações europeias. Junto a isso, soma-se o comportamento asiático disciplinado revelado por uma obediência e confiança no Estado.

## 2 – FOTOJORNALISMO

O cenário pandêmico fez eclodir um emaranhado de imagens que desvendam os mais variados aspectos da crise da covid-19. "A pandemia do novo coronavírus é também uma pandemia de imagens. Nela se consolidou um novo vocabulário visual, fundado em estéticas da vigilância e da extroversão da intimidade" (BEIGUELMAN, 2020, p. 550). Dentro deste contexto encontram-se imagens que despertam e traduzem indagações referentes a alguns conceitos abordados neste artigo, no entanto, antes de prosseguirmos com esse debate, faz-se necessária uma breve reflexão sobre a utilização da fotografia pelo jornalismo.

Os termos utilizados para definir a atividade fotográfica no jornalismo, fotojornalismo, fotografia de imprensa, fotografia jornalística, evocam sentidos semelhantes e são empregados para determinar imagens que têm por objetivo compor o sistema jornalístico contemporâneo. O conteúdo dessas fotografias é construído a partir de princípios que visam adequar os recursos da fotografia às necessidades

[55]https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html

comunicacionais do jornalismo. “A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual” (SOUSA, 2002, p.5). É uma forma de observar, registrar, analisar e opinar sobre a atividade humana e as consequências trazidas ao planeta.

Sousa (2002) completa dizendo que a fotografia jornalística tem como principal finalidade a informação e abrange “[...] as fotografias de notícias, quer as fotografias dos grandes projetos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos *features* (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara), entre outras” (SOUSA, 2002, p.114). Em nosso caso, as fotografias jornalísticas são referentes às publicações produzidas acerca do tema da pandemia de coronavírus veiculadas em sites da internet.

Cada linguagem apresenta suas características próprias, e dentro do universo de cada uma delas surgem divisões e subdivisões de acordo com as particularidades manifestadas em seu conteúdo e sua forma. A fotografia, para Baeza (2001), é um “sistema expressivo enormemente complexo, que vai desde sua categorização como signo icônico até a multiplicidade de funções que desempenha em diferentes registros ou normas comunicativas...” (BAEZA, 2001, p.32, tradução nossa). A polissemia é uma característica presente nas fotografias, pois várias interpretações podem ser extraídas delas, cabendo ao contexto de utilização da imagem direcionar a construção do sentido. Vilches (1997) divide a mensagem fotográfica em dois planos, o plano de expressão e o plano de conteúdo:

> O aspecto semântico da imagem, por sua vez, é constituído pelos códigos de conteúdo que organizam as formas de expressão em unidades de leitura. O plano de expressão, em outras palavras, organiza a visibilidade do texto visual, enquanto o plano de conteúdo organiza sua legibilidade ou compreensão. (VILCHES, 1997, p. 79, tradução nossa)

A primeira impressão ao nos depararmos com uma fotografia é a presença do seu referente, perpetuado por uma resposta luminosa de algum objeto, gravada em uma superfície química ou em um sensor digital. No entanto, a fotografia jornalística é composta por códigos que a transformam em mensagem conotativa e invariavelmente ancorada por texto. “Embora fotografia e texto não sejam estruturas homogéneas (o texto ocupa, geralmente, um espaço contíguo ao da fotografia, não invadindo o espaço desta, a

não ser para construir mensagens gráficas), não existe fotojornalismo sem texto" (SOUSA, 2002, p.76).

Já Vilches (1984) traz uma perspectiva diferente quando afirma que "em certas condições de coerência, a imagem tem estrutura de um texto autônomo". A imagem, em geral, pode ser legível e compreensível sem necessidade de uma legenda ou um texto escrito cuja função é contextualizadora" (VILCHES, 1985, p. 175, tradução nossa). Ainda segundo o autor espanhol, a fotografia jornalística não é qualquer mensagem; ela é um conteúdo visual que tem a missão de veicular um sentido informativo adequado a um "modelo de produção dos conteúdos que influenciam diretamente sua leitura e compreensão" (VILCHES, 1997, p. 80, tradução nossa). Nesse sentido, com o intuito de buscar e analisar imagens que evidenciam sinais de vigilância e controle em seu conteúdo, percorremos o caminho metodológico descrito abaixo.

## 3 – METODOLOGIA

As imagens presentes neste trabalho fazem parte do desenvolvimento de uma dissertação de mestrado intitulada "Fotojornalismo: narrativa visual da pandemia de coronavírus" desenvolvida pelos autores no âmbito do programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Com a intenção de aprofundar um dos aspectos desdobrados na pesquisa, optamos por elaborar este artigo. As 3 fotografias aqui analisadas foram coletadas entre os dias 01 de janeiro de 2020 e 11 de março de 2021. Optamos por dois veículos jornalísticos levando em consideração critérios como tradição na produção jornalística, audiência e produtividade acerca de notícias sobre a pandemia. Por isso, como forma de recorte, optamos por selecionar dois representantes para compor o corpus desta pesquisa: BBC News Brasil e Folha de São Paulo, pertencentes a dois grandes grupos midiáticos consolidados no mercado, um nacional e um internacional. O conteúdo fotográfico publicado nestas organizações se mostrou satisfatório tanto na quantidade quanto na qualidade das publicações.

Para a construção do corpus, adotamos o método de Análise de Conteúdo (AC) proposto por Bardin (2011); neste caso, procuramos estabelecer conexão com veículos de diversas linhas editoriais com o intuito de compor o corpus desta pesquisa. Verificamos

um grande volume de imagens acerca do tema em consequência do espaço ocupado pelas notícias sobre a pandemia nos meios de comunicação nos últimos meses. Se o número de produção de conteúdo é elevado, naturalmente as informações visuais tendem a acompanhar este desempenho.

Por meio de uma "leitura flutuante", atividade proposta por Bardin (2011) que "corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise" (BARDIN, 2011, p. 121), constatamos uma frequência diária na publicação de notícias acompanhadas de fotografias jornalísticas sobre a pandemia da Covid-19 em diversos sites de notícias brasileiros. Esse primeiro contato de averiguação dos documentos a serem analisados foi fundamental para a limitação do corpus da pesquisa.

Na AC, prendemo-nos às etapas correspondentes à *organização da imagem*, à *codificação* e à *categorização*, excluindo a parte de *inferência*, responsável pela interpretação. Esta prática de aproveitamento de somente algumas etapas é teoricamente prevista e transforma a Análise de Conteúdo em Análise Documental. "Se a esta suprimirmos a sua função de inferência e se limitarmos as suas possibilidades técnicas apenas a análise categorial ou temática, podemos, efetivamente, identificá-la com a análise documental" (BARDIN, p. 47, 2011). No nosso caso, o processo da Análise Documental serviu para organizar, já efetuando o trabalho de categorização e codificação, o grupamento de imagens, tornando-as disponíveis para o procedimento de outro método. "O propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo)" (BARDIN, p.47, 2011). A categorização das imagens foi fundamental para desenvolver os conceitos de vigilância e controle abordados aqui.

Embora a Análise de Conteúdo (AC) tenha aplicabilidade reconhecida na pesquisa em imagens, sua gênese e sua maior aplicabilidade estão vinculadas ao texto. "A AC trabalha tradicionalmente com materiais textuais escritos, mas procedimento semelhante pode ser aplicado a imagens ou sons" (BAUER; GASKELL, 2003, p. 195). Utilizamos aqui o método de maneira parcial de modo a coletar e sistematizar os dados, isto é, imagens jornalísticas dos veículos de comunicação que foram submetidas posteriormente

a outro método, à grelha de análise desenvolvida por Gervereau (2007). Ao nosso ver, a AC é um excelente método de organização e categorização temática das imagens, mas no decorrer da pesquisa sentimos falta de análise com dimensões mais estéticas, dadas as características expressivas das fotos jornalísticas da pandemia. Então achamos legítima a combinação da AC com procedimento que dialogue com as especificidades da fotografia, o método de análise proposto por Gervereau.

Como dito anteriormente, entendemos que a análise de conteúdo é um eficiente método de agrupamento, porém, para este trabalho, sentimos a necessidade de inserir instrumentos metodológicos capazes de examinar as fotografias de forma individualizada. Sendo assim, recorremos à grelha de análise proposta por Gerverau (2007), ferramenta específica para análise de imagens, que nos serviu para extrair contribuições importantes para a compreensão da pandemia.

Sabemos que a linguagem fotográfica é polissêmica, e frente às diversas possibilidades de interpretação, os esforços necessários para a compreensão das narrativas produzidas nas fotografias da pandemia do coronavírus passam por extrair o máximo de informação sobre a finalidade da imagem, o contexto da publicação, os veículos transmissores e o autor da foto. Para tal, adotamos uma grelha de análise desenvolvida por Gervereau (2007) por meio da qual descrevemos os componentes narrativos produzidos nas imagens do gênero fotojornalístico. Segundo o autor, as três etapas do processo são: "a descrição, a evocação do contexto e a interpretação" (GERVEREAU, 2007, p.45).

## 4 – ANÁLISE

A fotografia jornalística se encontra no local de difusão de acontecimentos de interesse social. Vigilância e controle são termos abstratos que obviamente é impossível representar de forma visual; no entanto, acreditamos que o fotojornalismo tem a capacidade de evidenciar as consequências de sua adoção.

Uma das primeiras medidas adotadas para tentar conter o avanço da doença foi o isolamento social. As primeiras ocorrências de síndromes respiratórias graves provocadas pelo Sars-Cov-2 ocorreram na cidade de Wuhan no final de 2019. Ao tomar conhecimentos iniciais sobre o comportamento do vírus, as autoridades chinesas logo chegaram à conclusão de que o distanciamento social, ou seja, a ausência de interação

social presencial entre os indivíduos, seria uma medida eficiente para evitar o contágio de uma moléstia que se propaga por vias respiratórias. Para isso, o governo do país asiático determinou o fechamento de escolas, comércio, parques públicos etc., promovendo uma paralisação de atividades não essenciais para a sobrevivência humana. A investida era para tentar frear o surto de coronavírus no epicentro da pandemia.

Gradativamente, à medida que a doença se espalhava por outros continentes, autoridades de outras nações ensaiavam tomar a mesma atitude que os chineses para evitar a disseminação de uma patologia imprevisível. O controle e a vigilância sobre os territórios foram se adequando durante o desenvolvimento da epidemia. As limitações não se deram apenas pela não circulação em espaços urbanos. Outras ações foram adotadas, como a limitação numérica de públicos, o distanciamento social, o uso de máscara, a aferição de temperatura corporal e o uso de substâncias antissépticas; também são providências tomadas para a administração do surto.

Muitas dessas situações chegam ao conhecimento do público por meio das fotografias jornalísticas que contribuem para a construção do imaginário social sobre a pandemia e carregam as impressões que tais situações provocam. A quarentena imposta pelos governos criou cenários similares nas localidades mais diversas. Fotografias de cidades vazias expressam a ausência de locomoção de pessoas e veículos pelas ruas dos centros urbanos, comércio fechado, pouca movimentação, figuras individuais, pessoas escassas.

**Figura 1:** Cenas mostram momentos de vigilância e controle durante a pandemia



Fonte: www.folha.com e www.bbc.com/portuguese. Montagem elaborada pelo autor.

Se os espaços abertos das cidades tiveram circulação restrita, o mesmo aconteceu com ambientes fechados, ainda mais pela grande potencialidade de transmissão do coronavírus em locais com pouca ventilação. Mercados, lojas, escolas, teatros, museus, rodoviárias, aeroportos, shopping centers, escritórios, estações de trem, templos religiosos tiveram suas atividades interrompidas ou limitações de uso estabelecidas por autoridades sanitárias. Em determinado período da pandemia, apenas serviços essenciais, como farmácias e supermercados, tiveram permissão para funcionamento e, mesmo assim, seguiram protocolos. Barreiras físicas foram instaladas por cidades e em ambientes internos com o propósito de limitar, orientar e restringir acessos. As fronteiras fechadas deixaram aeroportos inutilizados e enfraqueceram a indústria turística. A interrupção de celebrações das religiões causou desconforto em fiéis que argumentaram cerceamento do direito de manifestar a fé. A adoção do trabalho remoto e do ensino à distância ocasionou a fechar escritórios e escolas. Algumas destas fotografias publicadas na imprensa brasileira foram organizadas na Figura 1. Deste montante, selecionamos três imagens para

detalharmos mais as informações, o que nos serviu para extrair contribuições importantes para a compreensão do fenômeno abordado aqui.

Se esses espaços se encontram vazios, é natural que os habitantes das cidades estejam ocupando o espaço de suas casas. A quarentena compulsória, apesar de não ser cumprida em sua totalidade em alguns locais, levou grande parte dos moradores a um confinamento. São imagens que expressam reclusão de seres humanos impedidos de deixar seus lares sob a possibilidade de sofrer algum tipo de sanção pela vigilância estatal (Figura 2). Transmitem-nos ideia de clausura, confinamento, limitação, ausência de liberdade. Impossibilitados de interagir fisicamente, muitos tomaram suas varandas e janelas como meio de contato com o mundo e de expressão.

**Figura 2:** Pessoas isoladas em seus apartamentos durante pandemia em São Paulo



Fonte: folha.com - Foto: Victor Moriyama. Data da publicação: 23/04/2020 / Autor: Victor Moriyama. Veículo de comunicação: Folha de São Paulo[56] / Seção: Mundo

A imagem em questão é uma fotografia feita no período noturno e mostra um prédio com apartamentos cuja frente é composta por material translúcido, onde é possível enxergar silhuetas de pessoas nas janelas formadas pela contraluz das lâmpadas que iluminam o ambiente interno dos recintos. As diferentes temperaturas de cor das luzes formam um mosaico colorido composto por tons amarelados e azulados. A fotografia corrobora a reflexão proposta por Preciado (2020) quando o autor diz que "Durante anos, nós os tivemos no limbo dos centros de detenção. Agora somos nós que vivemos no limbo do centro de detenção de nossas próprias casas" (PRECIADO, 2020). As esquadrias

[56]https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/de-15-paises-brasil-e-2o-com-maior-descrenca-em-isolamento-social-diz-estudo.shtml

evidentes fazem alusão às grandes utilizadas em celas, a visão que temos remete a um presídio vertical.

Um dos problemas levantados pela pandemia do coronavírus, além dos efeitos diretos do vírus no organismo, está relacionado à saúde mental da população. Os efeitos psíquicos causados pela Covid-19 no Brasil são em grande parte consequência das medidas adotadas para diminuir a circulação do coronavírus. Deixamos de estar próximos de pessoas queridas e abrimos mão de atividades que nos trazem prazer, além de aumentar o risco de morrer ou perder pessoas próximas. “Atormentados pela consciência da morte, alguns são dominados, mesmo na ausência de um perigo real, por afetos aflitivos ligados à morte, indicando os impasses do sujeito com o desejo inconsciente e com o impulso à vida” (GAUDENZI, 2020, p.6). Junto a isso, a alteração nas rotinas de trabalho, o fechamento de escolas, trabalhadores que perderam sua fonte de renda e outros que precisam trabalhar sem os equipamentos de proteção necessários têm causado experiências traumáticas.

**Figura 4:** Homem abraça mão por meio de uma cortina plástica



Fonte: folha.com - Foto: Rahel Patrasso. Data da publicação: 04/06/2020 / Autor: Rahel Patrasso. Veículo de comunicação: Folha de São Paulo[57] / Seção: Fotografia

Agamben (2020) argumenta que "consequentemente, aceitamos, apenas em nome de um risco que não era possível precisar, suspender de fato nossas relações de amizade e de amor, porque nosso próximo tinha se tornado uma possível fonte de contágio" (AGAMBEN, 2020, p.24). A preocupação em relação ao controle da pandemia estabeleceu restrições de circulação e até barreiras físicas inusitadas, como demonstradas na Figura 4. Trata-se de uma cena em que um filho abraça a mãe de 85 anos por meio de

[57]https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1668606188087245-arquivos-e-museus-coletam-relatos-e-objetos-pessoais-durante-a-pandemia#foto-1668606506620445

uma cortina de plástico em São Paulo. Foi um recurso para amenizar os efeitos provocados pelo distanciamento social, sobretudo aos que pertencem aos grupos de risco, como os idosos. O contato físico é efetuado por meio de um material e cria-se uma imagem paradoxal, pois, ao mesmo tempo, traz a sensação de afeto e também de divisão. Mesmo fino e flexível, o plástico se posiciona como uma forma de controle que evita o contato pleno dos corpos.

**Figura 3:** Scanner monitora passageiros em aeroporto na Malásia




Fonte: folha.com - Foto: Mohd Rasfan. Data da publicação: 21/01/2020 / Autor: Mohd Rasfan. Veículo de comunicação: Folha de São Paulo[58] / Seção: Fotografia

A segunda imagem analisada foi registrada em Kuala Lumpur, na Malásia, onde um scanner térmico mede a temperatura dos passageiros que entram no país pelo aeroporto internacional (Figura 3). Notamos um painel ocupando grande parte do quadro fotográfico, e nesta tela, além de alguns números referentes à medição da temperatura corporal, veem-se pessoas como uma visão em raio X, apresentando aspecto fantasmagórico.

O controle dos corpos passa também pelo uso de instrumentos capazes de aferir a condição dos indivíduos e de acordo com as regras estabelecidas, determinar a permanência ou o acesso ao local monitorado. Segundo Foucault (1995), o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo" (FOUCAULT, 1995, p.47). O uso de termômetros e radares infravermelhos tem o intuito de detectar aqueles que apresentam temperatura corporal considerada febre, um sintoma da covid-19. Junto a isso, soma-se à

[58]https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1656365416960802-surto-de-virus-que-causa-pneumonia-aflige-china

realização de testes para detectar a doença. O resultado é preponderante para o paciente na medida que se for positivo ele deverá cumprir o isolamento sem exercer suas atividades normais. E de acordo com Han (2020), a intensidade da vigilância pode ser intensificada com o desenvolvimento de dispositivos que possam extrair mais informações do corpo humano. "É possível que no futuro o Estado controle também a temperatura corporal, o peso, o nível de açúcar no sangue etc. Uma biopolítica digital que acompanha a psicopolítica digital que controla ativamente as pessoas" (HAN, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do coronavírus mudou drasticamente o modo de vivência do cotidiano mundial. Uma transformação que atinge os mais variados segmentos da sociedade. Consideramos um desafio estudar a pandemia da covid-19 no decorrer de seu acontecimento. A pandemia ainda não acabou e muitas questões precisam ser esclarecidas. Talvez falte um pouco de distanciamento histórico para compreender melhor o período em que estamos vivendo, mas, mesmo assim, a partir desta pesquisa conseguimos estabelecer conexões que trazem apontamentos para as imagens jornalísticas impactantes que invadiram nossas telas com veemência.

As imagens da pandemia de covid-19 provavelmente entrarão para a história não simplesmente como testemunha de uma época, mas as fotografias das covas rasas abertas nos cemitérios, pessoas isoladas em seus lares e das ruas vazias, se tornarão instantâneos de um acontecimento dramático carregados na memória coletiva. É o que Charaudeau (2013) denomina imagem-sintoma: uma "imagem-sintoma", não qualquer imagem, mas aquelas com forte carga semântica nas quais "é preciso que elas sejam preenchidas com o que mais toca os indivíduos: os dramas, as alegrias, os sofrimentos ou a simples nostalgia de um passado perdido. A imagem deve remeter a imaginários profundos da vida" (CHARAUDEAU, 2013, p.246).

Além de reforçar alguns aspectos e sentidos, as fotografias jornalísticas sobre a pandemia também desvelam concepções talvez nunca vividas por esta geração. De certa maneira, vivemos em uma sociedade onde a impressão de estarmos sendo vigiados é constante devido principalmente aos aparatos tecnológicos do cotidiano que fornecem dados a todo momento e às câmeras de monitoramento ou aos nossos próprios

dispositivos por onde expomos nossa intimidade. Ficar isolado em uma espécie de prisão domiciliar sem poder ter relações físicas com indivíduos do círculo pessoal pode ter sido a sanção mais cruel desta pandemia. O isolamento causado pelas quarentenas e *lockdowns* trouxe sensações jamais vivenciadas pela coletividade contemporânea.

**REFERÊNCIAS**

AGAMBEN, Giorgio.Reflexões sobre a peste. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

AQUINO, Estela M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2020, v. 25, suppl 1 [Acessado 20 Fevereiro 2022] , pp. 2423-2446. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Epub 05 Jun 2020. ISSN 1678-4561. https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAEZA, Pepe. **Por uma función crítica de la fotografia de prensa.** FotoGGrafia. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

BEIGUELMAN, Giselle. A pandemia das imagens: retóricas visuais e biopolíticas do mundo covídico. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]. 2020, v. 23, n. 3 [Acessado 21 Novembro 2021] , pp. 549-563. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p549.7>. Epub 30 Out 2020. ISSN 1984-0381. https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p549.7

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2013.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle (1990). In: _____. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____, Michel. *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979).* São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GAUDENZI, Paula. Cenários brasileiros da Saúde Mental em tempos de Covid-19: uma reflexão. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2021, v. 25, n. Supl. 1 [Acessado 5 Fevereiro 2022] , e200330. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.200330>. Epub 19 Abr 2021. ISSN 1807-5762. https://doi.org/10.1590/Interface.200330.

GERVEREAU, Laurent. Ver, compreender, analisar as imagens. Lisboa: Edições 70, 2007.

HAN, Byung-Chul. O vírus de hoje e o mundo de amanhã. El País, 22 mar. 2020. Disponível em <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>. Acesso em: 19 fev. 2022..

PRECIADO, Paul. B (2020). "Aprendendo com o vírus". AGB-Campinas. Acessado em 18/02/2022 e encontrado em http://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/ Publicado em **El País** em 28/03/2020. Tradução inédita dos geógrafos Gustavo Teramatsu e Wagner Nabarro

SANTOS, R. E. (2020). Epidemia, controle e vigilância: das quarentenas analógicas à quarentena digital. *Voluntas: Revista Internacional De Filosofia*, *11*, e33. https://doi.org/10.5902/2179378643837

SOUSA, Jorge Pedro. Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa, 2002. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística.** Barcelona: Paidós, 1997